

RESENHAS CRÍTICAS

TEIXEIRA, Lúcia. *As Cores do Discurso. Análise do discurso de crítica de arte*, col. “Ensaaios”, nº 02, Niterói, RJ, EDUFF, 1996. 242 p.

Em *As Cores do Discurso*, a Prof^ª. Dra. Lúcia Teixeira (UFF) analisa 45 textos de críticos de arte, publicados, nos anos de 1990 e 1991, nas revistas *Veja*, *Isto é*, *Galeria* e *Guia das Artes*, identificando-os quanto à data de publicação, nome do crítico e do artista contemplado (veja-se “Nota Prévia”, p. 13). Nos “Preparativos” (pp 15-25), a autora informa o tema do livro: “o mundo silencioso da pintura transformando-se no rumor da escrita” (p. 15), na busca do tom inter-semiótico que vem a caracterizar a relação entre a arte e os discursos que a examinam e que acabam por levar à massificação da opinião, que determina, por critérios de avaliação, a aquisição da obra de arte e, conseqüentemente, a sua produção (criação). Lúcia Teixeira focaliza a mídia, a crítica e o texto como “narrativa”, na qual e pela qual uma voz crítica, revestida de autoridade (saber), seleciona obras de arte, formando seus critérios de avaliação e seleção e firmando-os como indiscutíveis.

Com o suporte teórico da Teoria Semiótica do Texto, Lúcia Teixeira passa o pente fino nos textos da chamada crítica de arte. E o faz num texto excelente, preciso, enxuto, bom de ler até mesmo pelo não especialista. A autora de *As Cores do Discurso* levanta, registra e analisa termos e funções organizadas da sintaxe narrativa, as marcas, pistas e pegadas lingüísticas pelas quais persegue e desmascara a suposta isenção do crítico de arte, desvendando e revelando a imposição do gosto do mercado aos que produzem arte e dela buscam usufruir. Pela análise das recorrências e reiterações, levanta a autora o fio condutor que tece e alinhava o texto invariante que subjaz/intrajaz nas aparentes variantes a denunciar a parcialidade existente na suposta imparcialidade das apreciações do discurso do crítico de arte. O percurso do sentido desse texto invariante é o que Lúcia desvenda, desvela e revela com o auxílio do suporte teórico da teoria semiótica do texto, com base em Greimas. Desse texto, pinça e expõe “um sujeito que narrativiza seu próprio percurso de enunciador, para qualificar-se como sujeito crítico” (p. 21).

As Cores do Discurso desmascara a relação entre arte, crítica e mercado, mostrando, em seus quatro capítulos como a crítica assegura o valor es-

tético de uma obra de arte para produzir e/ou confirmar seu valor como bem de consumo, o que induz ao “comprar para entesourar” (p. 223) e ao produzir para vender, capitalizar: a aquisição da obra de arte não por e para contemplação e fruição, mas para capitalização, “entesouramento”. No pregão dessa bolsa de valores, a determinar a cotação desta ou daquela obra, deste ou daquele pintor, o crítico de arte, com o poder e saber que lhe são conferidos, outorgados, induz ao gosto e ao gasto dos que adquirem obras de arte.

Lúcia mostra o efeito de objetividade e subjetividade que se depreende nas “marcas formais” (formas pronominais e verbais, principalmente) a camuflarem a suposta parcialidade. A autora apresenta fragmentos de seu *corpus* de análise, deles destacando os elementos pelos quais se pode identificar a manifestação do enunciador no enunciado. Com isso, mostra a possibilidade de sistematização de alguns dos recursos utilizados, melhor seria dizer, talvez, manipulados, pelo crítico de arte, o que permite um mapeamento das formas de ocorrência do enunciador, e também do enunciatário, no enunciado.

As formas de 1ª pessoa não como sujeito da enunciação, mas como simuláctos, a criar a ilusão da relação de comunhão entre enunciador e enunciatário; o valor semântico dos verbos aliado à função sintática e semântica de seus determinantes, a estabelecer, na operação sintagmática, a constituição actancial de um enunciador em posição de superioridade em relação ao enunciatário (p. 123); a alternância entre persuasão e interpretação na sua ocorrência sintática (eixo horizontal) e paradigmática (eixo vertical), a gerar convencimento e adesão necessários à produção e recepção dos textos como objeto de sentido (p. 162), são alguns dos aspectos levantados e analisados por Lúcia Teixeira, expondo o texto “na sua grande marca discursiva”, o texto para “fazer crer”, “fazer fazer”. De forma leve, didática (não fôra ela professora), a autora apresenta, melhor, desmascara as diferentes estratégias persuasivas existentes, no seu caso de estudo, nos textos de crítica de arte. Mas o que Lúcia faz, na realidade, é desmascará-lo em relação aos textos do que se poderia chamar de jornalismo cultural e literário, de um modo geral, daí sua importância para quantos busquem aprimorar-se no estudo e ensino da leitura, produção e interpretação do texto como *escritura*, a dizer mais do que realmente se pensa ler, ou consegue ler, no aparentemente dito.

A autora apresenta igualmente as “embalagens” e “molduras” desses textos (fotografias e desenhos, igualmente portadores e reforçadores do sentido, bem como sua diagramação, titulação e ilustração), como reveladoras do perfil da revista, pelo qual se pode depreender o perfil de seu público leitor.

Em *As Cores do Discurso*, Lúcia Teixeira desvela, desmascara e revela o processo de criação de consumo, especificamente nas artes plásticas na contemporaneidade, influenciado, direcionado, avaliado, pelos chamados críticos de arte, cujo discurso se legitima pelo poder que lhes é conferido, outorgado, pelo e no mercado, que, por sua vez, é regido por regras de valor determinadas e impostas sutilmente na e pela aparente imparcialidade dos que julgam as obras de arte não mais vistas/tidas como “objeto de contemplação e fruição”, no dizer de Lúcia, mas como bem de consumo a ser “entesourado”. E Lúcia Teixeira o faz num texto “belo, profundamente belo, que se lê com deslumbramento”, diríamos repetindo José Luiz Fiorin (“Prefácio”, p. 12).

Hilma Ranauro
